

‘A valência utópica da ecologia é decisiva no nosso tempo e para as gerações futuras’

(Continuação da página 5)

Peter Kuon – Vivendo um progresso tecnológico e civilizatório irresistível, o mundo contemporâneo perdeu a ilusão de poder realizar uma sociedade ideal. A utopia programática, projeto a realizar, não tem mais futuro. Valeria mais lembrar-se dos inícios da utopia, em Thomas Morus, como diálogo controverso acerca da hipótese de uma sociedade perfeita. Esta hipótese é sempre atual, em todas as contemporaneidades, já que ela permite pensar, mediante uma imagem concreta, alternativas ao mundo existente. O questionamento do *topos* passa pelo *ou-topos*. Reformulando a questão: a utopia não ajuda a compreender o mundo contemporâneo, ela ajuda a pensar o «outro» do mundo contemporâneo.

Cosimo Quarta – Se a utopia, como defendo, é sobretudo um comportamento fundamental do espírito humano, isto é, uma característica peculiar da espécie *homo*, enquanto homem, desde suas primeiras origens, que se manifesta não apenas como *sapiens*, mas também como *utopicus*, ou seja, um “ser projetante”, então não há dúvida que a utopia ajuda a compreender o mundo contemporâneo muito melhor do que outras categorias da história. No entanto, para utilizar corretamente a utopia como modelo de interpretação histórica – e portanto do mundo contemporâneo – é necessário preliminarmente redefinir seu conceito, depurando-o de todas as incrustações que ao longo dos séculos o deturparam e banalizaram.

Dito de outro modo, é preciso liberar-se da concepção corrente que entende a utopia como extravagância, quimera, castelo nos ares, cidade nas nuvens, sonho, miragem, ilusão e por aí vai. Mas é preciso também evitar definir a utopia como cidade ideal, estado perfeito, sociedade imaginária, pois são estas definições que não apreendem o verdadeiro sentido da utopia, tal como o havia originariamente entendido Thomas More que, como é sabido, foi quem cunhou este extraordinário neologismo, que hoje é conhecido e usado – infelizmente, com frequência despropositada – praticamente em todas as línguas do mundo.

No *exastichon* do “poeta Anemolius” – um dos escritos preliminares que acompanharam a obra de More logo nas primeiras edições – é explicado com clareza o sentido do termo “Utopia”. Este “estado” – cujo território transformou-se de península em ilha – foi chamado pelos antigos *ou-topia* (não lugar), ou seja, a ilha que “não é”, por causa do seu “isolamento”, porque ninguém a conhecia nem a frequentava; mas, após a conquista de Utopus, ela foi transformada em um “ótimo estado”, isto é, em uma sociedade que possuía instituições tão boas que não somente podiam competir com a *República* de Platão, mas chegavam a superá-la, já que, enquanto Platão havia delineado seu estado somente com palavras, e desta forma ele havia permanecido

um projeto, a Utopia se apresenta, ao contrário, como uma sociedade viva, justa, plenamente realizada, com ótimas instituições, e por isso, justamente, o poeta Anemolius (ou seja, More) conclui que ela pode ser chamada de *Eutopia*, o “lugar do bem”, a boa pólis, ou ainda o “ótimo estado”, onde reinam a justiça, a liberdade, a cultura, o bem-estar. More está nos dizendo, portanto, que Utopia é o projeto da sociedade boa, justa, virtuosa e fraterna (*eu-topia*), que ainda não existe (*ou-topia*), mas está propensa a se realizar.

Viver em uma sociedade guiada pela justiça constitui uma das mais profundas aspirações da humanidade. Desde os primórdios da história – como muitos mitos nos revelam claramente – cada geração humana elaborou (de maneira implícita ou explícita) um projeto utópico próprio, esforçando-se para realizá-lo, mesmo se tal realização nunca é completa por causa dos obstáculos que se inter põem sempre que se passa da teoria à prática.

Mas o que uma geração não consegue realizar é retomado pelas gerações sucessivas que, por sua vez, elaboram seu projeto utópico, e assim acontecerá sempre, enquanto durarem o homem e a história. Portanto, haverá utopia enquanto houver história. Eis porque a utopia pode ser também definida como o *motor da história*. Compreende-se melhor, agora, à luz destas considerações, porque a esta primeira pergunta respondi que a utopia ajuda a compreender o nosso tempo muito melhor do que outros modelos interpretativos do processo histórico.

JU – Existe um revival da questão utópica? Se sim, quais são as razões deste fato?

Jean-Michel Racault – Aqui, mais uma vez, pode-se responder com um sim e um não.

Não, porque como gênero literário, a utopia sob sua forma que podemos qualificar de “clássica” cessou, ao que parece, de ser produtiva hoje, e compreende-se bem o porquê. Esta forma, surgida em 1516 junto com a palavra, com *A Utopia* de Thomas More, repousava sobre a ficção de uma viagem realizada – por um europeu quase sempre – a uma região afastada e desconhecida, frequentemente uma ilha do hemisfério sul. É o caso, em More, da ilha de Utopia – ela se chama assim – que o título apresenta como “recentemente descoberta” por um dos companheiros de Vespucci.

Mais tarde, nos séculos XVII e XVIII, as utopias se apoiaram com mais frequência em um mito científico, o do Grande Continente Austral Desconhecido, com seus arquipélagos satélites, que os cosmógrafos supõem indispensável ao equilíbrio do globo para compensar a massa emersa do hemisfério Norte. Mas este mito vai por água abaixo com as grandes expedições científicas de finais do século XVIII, particularmente com a segunda viagem do capitão Cook em 1772, que demonstra que as Terras Austrais, se existem, não têm nem as dimen-

sões, nem o clima, nem, é lógico, as populações que se imaginava.

O fundamento da utopia é a alteridade. Ora, a partir dos anos 1880, não há mais nenhuma zona desconhecida no globo terrestre e a alteridade geográfica das localizações imaginárias não é mais aceitável do ponto de vista da verossimilhança. O modelo utópico tradicional, da ficção realista com descoberta fortuita de uma ilha desconhecida, não é mais realmente admissível, então o gênero deve adotar outras formas.

E talvez neste momento possamos responder positivamente e falar de *revival* da utopia por meio de diversas renovações formais cujas origens são, aliás, relativamente antigas. Por exemplo, a viagem no tempo – e não mais no espaço –, cujo primeiro exemplo é *L’An 2440* de Louis-Sébastien Mercier [1771], mas que se desenvolverá sobretudo a partir do fim do século XIX – *Looking Backwards*, de Bellamy, 1888 ou *News from Nowhere*, de Morris, 1890.

E, sobretudo, é claro, a ficção científica, que não podemos reduzir a uma versão modernizada da antiga literatura utópica, mas que aborda frequentemente os mesmos problemas combinando as duas formas de deslocamento em relação ao real de referência, no espaço – os outros planetas – e no tempo – o futuro. Aqui também as origens são muito antigas: desde o século XVII Cyrano de Bergerac, em *L’Autre Monde* [1657] havia aplicado dados científicos – da recentíssima revolução astronômica galileana – para relatar uma viagem à Lua seguida de uma outra, ao Sol.

Vita Fortunati – Creio que existe um ressurgimento do pensamento utópico por uma série de motivos. O primeiro: após a crise do capitalismo e das ideologias, precisamos de modelos alternativos. Nestes anos, no nosso centro, temos afrontado o problema da identidade europeia e da interculturalidade em uma perspectiva utópica. Creio que, numa visão global, há a necessidade de um confronto entre as várias tradições do pensamento utópico, não apenas a ocidental, mas também a asiática e a africana.

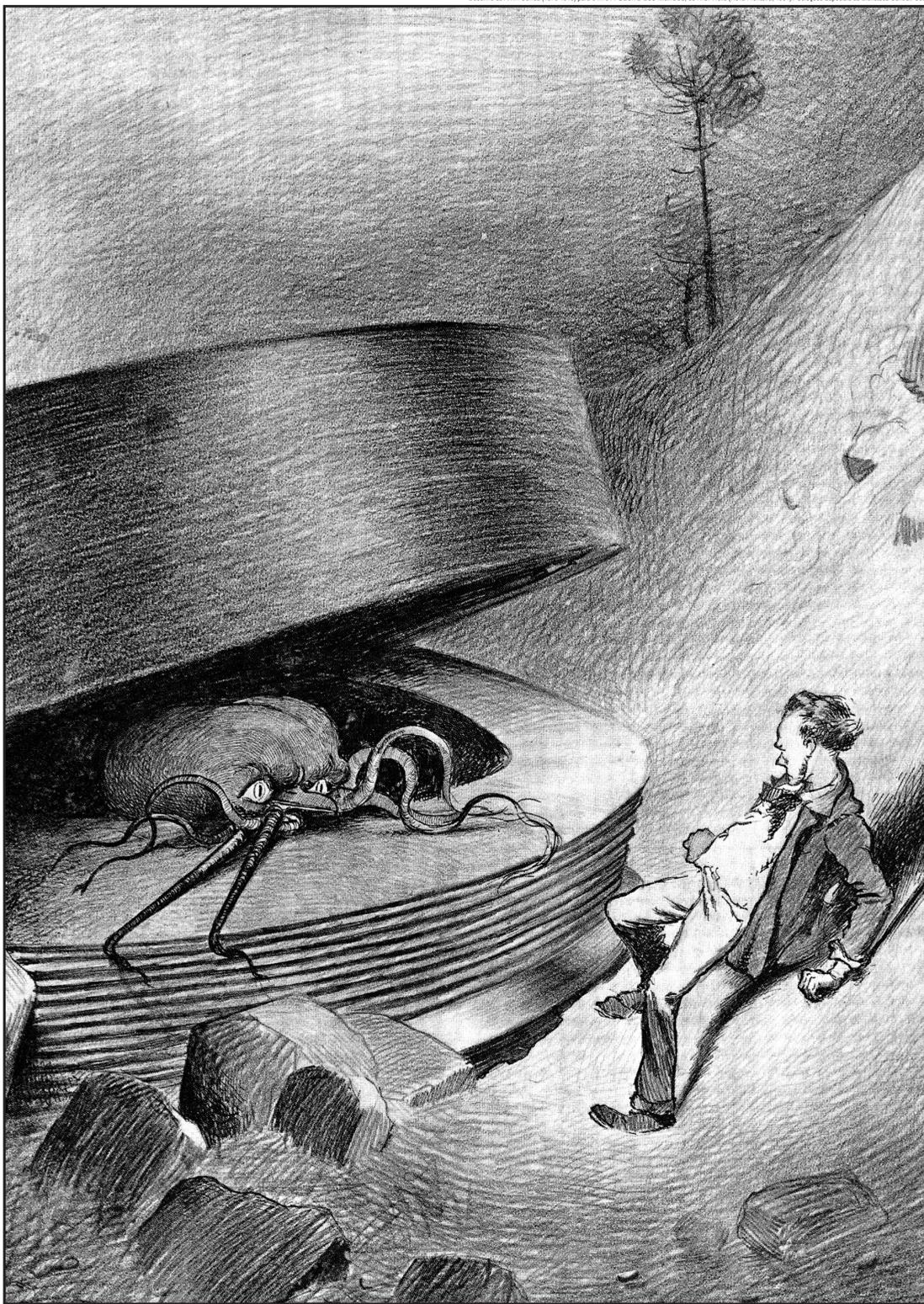
Gostaria de assinalar que, nos últimos anos, os estudos utópicos, e certamente também as pesquisas promovidas pelo *Centro di studi interpatimentali dell’Utopia* de Bolonha, orientaram-se principalmente em duas vertentes.

A primeira está centrada em questões essencialmente teóricas e metodológicas: a interrogação sobre a definição de “utopia”, “antiutopia” e “distopia”, buscando a superação da dicotomia que nos últimos decênios havia gerado polémicas, entre a representação clara, separada do melhor e do pior dos mundos possíveis.

A segunda se esforça para encontrar novas possibilidades de discussão da proposta utópica. Útil para este propósito foi o surgimento da definição de “utopia crítica”. Com esta definição se pretende fazer referência a figurações de um *alures* elaboradas por meio de um processo de desconstrução e de reconstrução, e

‘O milênio se abriu com ferozes conflitos causados por nacionalismos contrapostos’

Desenho de Alvin Corbã (1876-1910) para o livro *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells (Nova Fronteira, 1981) | Coleções Especiais da Biblioteca Central/ Cedes



de uma visão deformante e ideal, que se conciliam em um mundo “outro” não mais rigidamente codificado, mas aberto às negociações do sujeito.

Peter Kuon – Hesito em responder esta pergunta. Se sim, o *revival* nasce do *Yes we can* de Obama, promessa e esperança de reinventar uma sociedade e as relações internacionais. Veremos o que se seguirá!

Cosimo Quarta – Acredito que hoje, mais do que um *revival*, há uma urgente *necessidade de utopia*. É sabido que depois da queda do comunismo soviético, muitos autores, fazendo infelizmente uma terrível confusão entre utopia e distopia, se precipitaram declarando a “morte” ou o “fim” da utopia, enquanto é possível notar que ela está mais viva do que nunca.

A crise ambiental, primeiro, e a gravíssima crise econômica em nível mundial, agora, mostraram claramente, a todos, os limites do sistema capitalista a tal ponto que hoje por todo lado se invoca uma mudança radical da sociedade em escala planetária. Em particular, a valência utópica da ecologia está se revelando decisiva não apenas para o nosso tempo, mas também para as gerações futuras.

JU – A produção cultural contemporânea sente a influência das ideias utópicas, em sentido amplo?

Jean-Michel Racault – Sim, sem dúvida, mas com certa desconfiança, que se explica por vários fatores. Primeiramente, a crise das ideologias, principalmente daquelas que propõem receitas mágicas e explicações totalizantes. É o caso de certa vulgata marxista que foi comprometida pela queda do “comunismo real”, e mais ainda pela confrontação entre a teoria e sua realização concreta, particularmente terrificante no caso do regime dos Khmers Vermelhos, que era de fato um tipo de utopia posta em prática.

Desconfiança, mais geralmente, face ao próprio movimento do pensamento utópico, percebido como normativo, autoritário, até totalitário: é nobre querer para todos o que é justo, mas não é perigoso impor isso, e esta tentação não é inerente à convicção de deter a verdade? De modo que uma grande parte das utopias modernas é, em realidade, composta de antiutopias cujo objetivo não é propor um modelo de transformação social, mas prevenir contra um processo inevitável pois resultante da evolução sócio-tecnológica das civilizações.

Penso, certamente, em *Brave New World* de Huxley [1932] ou em *1984* de Orwell [1949], mas podemos nos perguntar se a antiutopia também não seria tão antiga quanto a utopia. Os grandes textos utópicos são ao mesmo tempo utopias e antiutopias; já era o caso, por exemplo, da sociedade equina imaginada por Swift na última parte das *Gulliver’s Travels* [1726]. Esta sociedade é dada por perfeita, mas, refletindo bem sobre ela, percebemos que esta perfeição a

terna inquietante, e de todo modo ela não pode ser um modelo, já que seus habitantes, ironicamente, são cavalos, e não homens...

Talvez haja um campo onde a utopia classicamente positiva permanece como tal hoje em dia. É aquele dos movimentos ditos “alternativos” que nunca conheceram realização enquanto estado de grande amplitude – diferentes do comunismo, por exemplo – e podem portanto, por meio do gênero utópico, exprimir a busca da alteridade em todo seu vigor. Há assim utopias ecologistas como *Ecotopia*, de Callenbach [1975], ou *Voyage au pays de l’utopie rustique*, de Mendras [1979]. A forma utópica se presta particularmente bem aqui a encarnar propostas concretas, organizar um debate, refutar objeções, e, sobretudo, a representar visualmente sob a forma de quadros descritivos os resultados assim obtidos pela aplicação das teses ecologistas.

Vita Fortunati – Utopias críticas (*critical dystopias*), utopias imperfeitas (*flawed dystopias*); estas novas definições nascidas do vivo debate atual entre estudiosos de utopia colocam em evidência o quanto há, na nossa contemporaneidade, de consciência histórica dos perigos implícitos da utopia entendida como modelo abstrato e totalizante. Percebe-se, portanto, a necessidade de se propor utopias “imperfeitas”, onde seus habitantes se interrogam sobre o sentido ético do próprio agir, porque sabem que as utopias perfeitas do passado sempre foram construídas às custas de alguém que nelas não estava incluído ou estava incluído mediante um custo altíssimo de sofrimento e abuso.

O novo milênio se abriu com trágicos episódios de terrorismo – o primeiro da fila foi o 11 de setembro –, e com ferozes conflitos provocados por nacionalismos contrapostos. Estes e outros acontecimentos fariam pensar que estamos novamente em uma fase fria da utopia e do utopismo, mas a recente produção narrativa evidencia como, ao contrário, ainda há necessidade de utopia. Utopia entendida como capacidade de interrogar-se criticamente sobre a realidade que nos circunda, como educação voltada para a imaginação e para o desejo de mudá-la. Ler e estudar a utopia pode, portanto, tornar-se um estímulo para empenhar-se a agir concretamente sobre a realidade.

Na segunda metade do século XX, a utopia não é apenas um objeto de estudo amplamente investigado, como demonstram os numerosos trabalhos neste setor específico, mas torna-se também um modo de declarar o próprio posicionamento político. Deste ponto de vista, consequentemente, a utopia não é nunca um objeto neutro, porque nela há um alto investimento científico e pessoal.

Muitas utopias são fundadas sobre o pensamento de filósofos que renovaram o pensamento ocidental: E. Bloch, M. Foucault, G. Deleuze, F. Guattari, J. Baudrillard e, mais recentemente, F. Jameson, D. Harvey, R. Arundhati, e até o controverso Toni Negri, que indagaram o pensamento

marxista para focalizar seus limites e para recontextualizá-lo em relação aos problemas da contemporaneidade, como o globalismo, as novas hegemonias e o pós-colonialismo.

Peter Kuon – Para repensar as “megalópoles” brasileiras, porque não reler Italo Calvino, *Le città invisibili*, uma reflexão utópica sobre as relações entre os espaços urbanos e seus habitantes?

Cosimo Quarta – Não há dúvida que o pensamento utópico tenha influenciado não apenas a produção cultural contemporânea – história, filosofia, literatura, política, economia, ciência, tecnologia etc. –, mas está penetrando, ainda que com dificuldade, na consciência dos povos.

JU – Quais obras atuais, realmente relevantes, estão dentro de um enquadramento utópico?

Jean-Michel Racault – Um título me vem à lembrança, talvez porque este título contenha em si um resumo de toda a tradição utópica desde o Renascimento: *La Possibilité d’une île*, romance de Michel Houellebecq publicado em 2005. Sua forma, no entanto, não tem nenhuma relação com a forma de uma utopia, nem, aparentemente, o conteúdo. Mas ele desenvolve, a partir da ficção – que, sem dúvida, logo não será mais uma ficção – da clonagem dos seres humanos, o que poderíamos chamar de uma utopia do pós-humano que abre para o gênero novas perspectivas.

Vita Fortunati – A escrita utópica de mulheres como Ursula Le Guin, Joanna Russ, Marge Piercy, nas últimas décadas do século XX, deu voz a novos modelos utópicos esperáveis e desejáveis porque neles os verdadeiros valores da cultura feminina são exaltados: o pacifismo, a ecologia e a descentralização do poder. A utopia permite a visualização de situações insólitas e a experimentação de novos modelos de comportamento. A utopia apresenta soluções alternativas, porém nunca vistas como definitivas, mas sempre dinâmicas e fluidas, como horizontes em direção ao quais se tende.

Peter Kuon – A arte, enquanto recusa da reprodução mimética do mundo, é – e sempre tem sido – utópica.

Cosimo Quarta – É difícil indicar obras isoladas que se enquadrem no pensamento utópico, pois, como dizia antes, em todos os âmbitos do cognoscível humano está presente o pensamento utópico. Para permanecer no campo da utopia literária, basta pensar na vasta produção dos romances de ficção científica, ainda que neles prevaleça com frequência a distopia; é todavia oportuno lembrar que quando a distopia é usada como sinal de alarme para evitar avançar em direção a caminhos equivocados e arriscados, ela assume uma função altamente positiva para a humanidade.



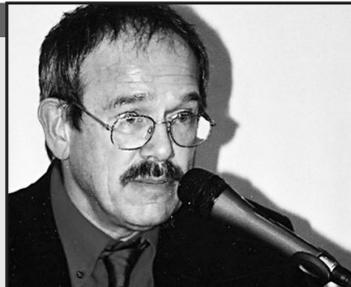
Jean-Michel Racault

é professor emérito na Universidade da Réunion (França) de literatura francesa e comparada. Suas pesquisas estão voltadas para as literaturas das viagens e relatos utópicos (séculos XVII e XVIII), a temática literária da insularidade e as obras de Bernard de Saint-Pierre. Publicou 18 obras como autor ou editor científico e uma centena de artigos.



Vita Fortunati

é professora de língua e literatura inglesas, é diretora do Centro Interdepartamental de Ricerca sull’Utopia da Universidade de Bolonha e de *Forme dell’Utopia*, uma coleção de textos primários e críticos publicada pela editora Longo, de Ravenna. Coordena, em nível nacional, o primeiro projeto europeu de Master (*Erasmus Mundus Gemma*) em *Women’s and Gender Studies* e também um projeto europeu de redes temáticas sobre o tema da Interface entre Ciências Humanas e Ciências Exatas com o título *Acume 2, Interfacing Sciences, Literature and Humanities*.



Peter Kuon

é professor de filologia românica (literatura italiana e francesa) e diretor do centro universitário Sciences et Arts na Universidade de Salzbourg. Suas publicações tratam da utopia do Renascimento ao Iluminismo, da recepção criadora dos grandes clássicos, da literatura do holocausto e da literatura contemporânea em geral.



Cosimo Quarta

é professor de filosofia da história e ética ambiental na Universidade do Salento (Lecce, Itália), e co-fundador e diretor do Centro Interdepartamental di Ricerca sull’Utopia. Suas pesquisas, desde o início dedicadas ao pensamento utópico, tratam dos problemas de história da utopia (Platão, Morus, Campanella, Andreea, Péguy) e das relações entre utopia e ideal, ideologia, mito, escatologia, milenarismo, futurologia, ciência, ficção científica, ecologia, revoluções, igualdade, paz, não-violência.